

APARTHEID: RACISMO E/OU CAPITALISMO?

DORA LÚCIA BERTULIO
MESTRANDA DO CPGD/UFSC

I

Inúmeros teóricos têm dedicado seus estudos ao fenômeno do racismo, buscando algumas alternativas viáveis ao branco para explicar ou justificar tal comportamento.

Digo branco porque entendo ser este o outro aspecto indecifrável, ao menos até o momento, desta intencional reação de superioridade racial frente a outros espécimes do gênero humano.

Aimé CESAIRE (1) diz que a "Europa é indefensável" e é real. Do que têm conhecimento as diversas disciplinas que tratam do homem e de suas relações sociais, de há muito, sob desculpas e intenções diversas, foi o branco europeu quem saiu de suas terras, para destruir em outras terras, tudo e todos que encontrou. Desde os anos de 1400, são os registros.

Com respeito à África e aos africanos, o caso é mais antigo. Os ensinamentos bíblicos já nos dão conta de que povos "terríveis" totalmente negros habitam o mundo das trevas, no interior da África.

(1) CESAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Noemia dos Santos, Lisboa/Maputo, Sá da Costa/Inst.Nac. do Livro e do Disco, 1978. p.13.

Tantas são as artes da tecnologia - de ir à Lua (caso hoje já obsoleto)., computadores, radares, bombas, o domínio do átomo. Entretanto, pena a humanidade por problemas simples - tão "simples", talvez, e sofridos por pessoas tão "simples", que não valha a pena dedicar brilhantes cabeças e tantos e tantos e tantos milhões de dólares. E, o problema do racismo é um desses "mínimos" desajustes que não foi, até o momento, repetimos, explicado satisfatoriamente.

É certo que o fenômeno do racismo, enquanto fato histórico, tem a cada época conotações diferenciadas no valor social. Isto porém não legitima, absolutamente tal conduta, sob qualquer explicação. Penso que se incorre nas "desculpas" da civilização apreender um fato histórico sem a devida crítica. E, é tamanha a violência do racismo que até mesmo seus excelentes reprodutores escondem-se rejeitando tal adjetivo. Não há como, hoje, com o avanço nas discussões da ciência e os esforços na ruptura do positivismo científico justificar-se tal comportamento, onde a moralidade do ato seja, talvez, o ponto mais contundente. "Não sou racista" é o que todos vão repetir em alto e bom tom.

"Racismo resulta da transformação de preconceito racial e/ou etnocentrismo, através do exercício do poder, contra um grupo racial definido como inferior, por indivíduos e instituições, com o apoio, institucional ou não de toda a cultura" (2) m/grifo.

O autor deste conceito tenta incluir no mesmo todas as nuances psicológicas, físicas, materiais e políticas - PODER - para melhor atender seu interesse, isto é, explicitar o que é o racismo.

E, é deste conceito que tentarei uma conversa sobre o Apartheid

(2) JONES, James. Racismo e preconceito. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo. Ed - gard Blücher, 1973. p. 105.

Sul Africano e o conteúdo racista de seus propósitos que tão bem servem ao capital sul africano e internacional, de forma a permitir, ainda hoje, tamanha atrocidade a tantas pessoas. Tudo sob as "barbas" de toda a comunidade mundial que, com unhas e dentes interferem em todos os pontos do mundo, quando ameaçadas suas ideologias capitalistas e imperialistas em especial. Uma sombra, que seja, de revolução socialista que lhe atrapalhe os planos de dominação, poder e riqueza e... estão aos nossos olhos Nicarágua, Chile; ou ainda independentemente de efetiva tentativa, mas cujos interesses econômicos estão em risco, vide Brasil, Oriente Médio, para citar alguns apenas em que os grandes Presidentes não tubearam em invadir a "soberania" daqueles países para defender o "perigo" que ameaça o século (não se questiona, sequer se o "perigo" é tão perigoso assim!). Mas, na África do Sul morrem crianças, velhos, mulheres, homens, jovens - todos negros - e, exceto em alguns papéis diplomáticos, não se cogita em afrontar - agora sim, a "soberania" Sul Africana.

Será que a exploração capitalista, o imperialismo na África do Sul não se satisfaz se a direção dessa rapina não for branca?, ou será que os negros não são capazes de exercer com adequação tal exploração?...

II.

"Mesmo que se pague a um negro a mesmo salário que a um branco, a sua situação ainda esta longe de ser igual. Ele recebe seu pagamento e volta para o gueto, onde não tem qualquer direito de posse, onde ele continua sendo aquele banto, que tem que trazer consigo esse passe, esse documento de sua opressão, esse banto que é obrigado a se submeter a uma educação elaborada só para ele, cujo conteúdo o impede de jamais ser igual aos seus colegas brancos" (3)

O contexto sul africano é, sem dúvida excêntrico dentro do ocidente capitalista. Desde sua ocupação, guerras de

(3) MANUELA, Winnie. *Parte de Minha Alma. Org. Anne. Benjamim. Trad. Laura Ribeiro. Rio, Rocco, 1986. p. 185.*

conquista e suas lutas pela hegemonia do grupo explorador branco, sempre foi uma região diferenciada.

Hoje temos, já inúmeros trabalhos sobre a África do Sul e, em especial sobre o também "sui-generis" regime de segregação racial contemplado corajosamente pelas instituições jurídico políticas locais e aceito pela comunidade internacional. Norte/Sul, Leste/Oeste, todos assistindo às demonstrações de racismo sobre milhões de homens e, pasmei sob os auspícios do Direito nacional e internacional. Embora não comporte a discussão neste trabalho, o Direito Internacional e todas as teorias de metajuridicidade foram postas à prova e desmentidas por Pretória.

As discussões sobre o Apartheid geram, via de regra a polêmica discussão RAÇA/CLASSE.

Ocorre que, o nível de exploração sul africano é absoluto e gera lucros na mesma proporção. Toda a legislação está armada para atender esses requisitos do capital - quer nacional, quer internacional. Vê-se, igualmente, que o país é privilegiado geograficamente, constituindo ponto estratégico na rota marítima especialmente para o petróleo. Além disso, seu solo é dos mais ricos do mundo, possuindo, inclusive, os minerais considerados estratégicos para o desenvolvimento tecnológico - no mundo equiparável apenas à URSS, quanto a estes minerais.

Fica, portanto, nítida a relação NEGRO/EXPLORADO como coloca Francisco PEREIRA (4), o qual acrescenta que são dois fenômenos que interagem, sem que se possa fazer da exploração a razão desse tratamento desigual, ou seja, sem que o objetivo do tratamento **racista** sirva, apenas, para perpetuação da exploração.

Sem dúvida que essas duas categorias RAÇA e CLASSE se ajudam e permitem o máximo de rendimento e acumulação de

(4) PEREIRA, Francisco J. Apartheid - O horror branco na África do Sul. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 27 e segs.

riquezas. Entretanto, não se pode deixar na análise de se preocupar com o colônialismo interno - que entende serem os negros incapazes de utilizar e administrar tanta riqueza. Os exploradores brancos antes colonos e hoje "donos", não passam, na verdade, de reprodutores da situação colonial - colonos de diversas nações, entre as quais a sua "pseudo" nação, a nação Afrikander.

Entendo que, os afrikanders uniram o "útil ao agradável". São racistas e capitalistas e lutam pela perpetuação das duas coisas. E mais; que o racismo é o ponto central da discussão do Apartheid e não a exploração de classe ou capitalista, até porque, não são apenas os operários que são o alvo da repressão, mas os negros indistintamente. O capitalismo, sua ordem interna, tem limites de ação - é o que permite as aberturas do sistema (tão bem estudadas por Marx) visto que sua ação não pode ser absolutamente destrutiva, bem como necessita, ainda que em uma economia voltada para o exterior, de um número de indivíduos razoavelmente satisfeitos - seu ponto de sustentação.

A comunidade capitalista internacional vê esse limite e, ainda que debilmente, tem tentado mostrar aos afrikanders que o tratamento dado aos sul africanos deve ser amainado. Sim, e é compreensível. Embora todos sejam racistas e não reconheçam portanto, no homem negro um seu igual, percebem que o acirramento da exploração capitalista que lá ocorre gera um outro tipo de reivindicação nos povos sul africanos: uma sociedade diferenciada, com distribuição outra de riquezas que não a capitalista, enfim, outro modelo econômico e que, obviamente, tenderá para modelos socialistas ou socializantes: E, então, sua fonte de matéria prima e mão-de-obra barata se extinguiu, enquanto que abrandada a questão racial, num primeiro momento, talvez se "salve" muita coisa.

Só o afrikander não se importa. Enquanto sujeito superior se julga capaz de dominar eternamente os milhões e

milhões de sul africanos pela violência de todos os naipes. O ódio racial faz com que a população branca, ainda que explorada, não se admita aliada aos negros.

" Mediante uma série de greves e de pressões políticas' os sindicatos brancos impuseram as leis que confinavam os negros nos trabalhos não especializados, reservando os empregos mais bem remunerados unicamente para os brancos". (5)

O capitalismo se caracteriza (entre outras), pela detenção da riqueza, do capital em poucas mãos. E é, também excelente produtor e reproduzidor de desigualdades e discriminações, onde a massa produtora é dirigida para o máximo da produção e o lucro depende desse grau de exploração da mão-de-obra. Porém, no caso da África do Sul, essa ordem se modifica para exigir que essas poucas mãos sejam brancas; vale dizer, o racismo extrapola os interesses do capital (creio mesmo que este fenômeno se dê em outras sociedades onde o percentual de população negra induza a possibilidade de negros participarem do poder político - vide Brasil).

Mesmo as tentativas dos Bantustões, onde o governo do Apartheid procura manter uma "elite" de sul africanos no poder para a segurança interna de seus propósitos, essa "elite" não possui nível de remuneração e econômico comparável, sequer, aos operários brancos locais. E, o fato de operário branco na África do Sul, ganhar salários relativamente altos em relação ao restante da África, não faz os Chefes e a burocracia dos Bantustões pequenos burgueses e, muito menos burgueses.

"Com o desenvolvimento desses bantustões e 'Estados Independentes', surge uma classe di-

(5) CHALIAN, Gerard. A Luta pela África. Trad. Daniel a. Reis Filho. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 95.

rigente que, embora dependente, assume as responsabilidades administrativas e parte das atividades econômicas, particularmente comerciais" (6) m/grifo.

Dessa forma é que "não são as fábricas nem as propriedades nem a conta do banco que caracterizam em primeiro lugar a "classe dirigente". A espécie dirigente é, antes de tudo a que vem de fora, a que não se parece com os autóctones , "os outros". (7), m/grifo.

Cuiabá, jan/88

(6) PEREIRA, F. J. *Apartheid*, ... ob. cit. p. 39

(7) FANOW, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José L. de Mello Rio, *Civilização Brasileira*, 1977. p. 30.

BIBLIOGRAFIA

1. BRAGANÇA, A. e WALLERSTEIN, I. Quem é o inimigo?; Lisboa, Iniciativa, 1978, Vol. 1 p. 161-167; 190-193 Vol. II p. 62-67; 72-97; 288-237 Vol. III p. 2027; 163-189; 232-235
2. CHALIAND, Gerad. A Luta pela África. Trad. Daniel A. Reis F^o. São Paulo, Brasiliense, 1982.
3. FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Trad. José L. de Mello. Rio, Civilização Brasileira, 1977.
4. JONES, James. Racismo e Preconceito. Trad. Dante M. Leite. SP, Edgard Blücher, 1973.
5. LEFORT, René. África do Sul, História de uma crise Lisboa, Antídoto, 1978. p. 93-100 e 163-181.
6. MANDELA, Winnie. Parte de Minha Alma. Org. Anne Benjamin. trad. Laura Ribeiro. Rio, Rocco, 1986.
7. PEREIRA, Francisco José. Apartheid. O horror branco na África do Sul. São Paulo, Brasiliense, 1985.
8. UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. Centro de Estudos Africanos. África do Sul: conhecer o inimigo para melhor combater. Moçambique, Publicações Notícias, 1982.